

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA**  
**RAFAEL LIRA DE FIGUEIREDO**

**A NOÇÃO DE INTERIORIDADE EM AGOSTINHO**

Juiz de Fora

2020

**RAFAEL LIRA DE FIGUEIREDO**

**A NOÇÃO DE INTERIORIDADE EM AGOSTINHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Robione Antonio Landim.

Juiz de Fora

2020

FIGUEIREDO, Rafael Lira de. **A noção de interioridade em Agostinho**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Robione Antonio Landim  
Orientador

---

Prof. Ms. Laureandro Lima da Silva  
Leitor-Uni-academia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mabel Salgado Pereira  
Presidente-Uni-academia

Examinado em: 07/12/2020.

Dedico a minha esposa, Rita Maria, e aos meus filhos, genro e nora pelo total apoio que me deram durante a trajetória deste curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por todos os momentos, principalmente os mais difíceis, em que estive estudando para a concretização desse sonho.

A minha esposa, Rita Maria, e aos meus filhos, genro e nora que me incentivaram e me deram apoio durante todo esse período em que estive ocupado com os meus estudos.

Ao Centro Universitário Academia e o Seminário Santo Antônio que me possibilitaram a realização de concluir mais uma graduação.

Ao meu orientador, Robione Antonio Landim, por ter aceitado prontamente essa incumbência, bem como toda orientação necessária para o desenvolvimento de todo o trabalho de pesquisa e elaboração dessa monografia.

Aos meus amigos, pelas orações e pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Aos meus professores que me orientaram e me apoiaram em todos os momentos em que precisei.

## RESUMO

FIGUEIREDO, Rafael Lira de. **A noção de interioridade em Agostinho**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia. Centro Universitário Academia de Juiz de Fora, 2020.

Este trabalho tem como proposta investigar a noção de interioridade em Agostinho a partir do pensamento filosófico e teológico desse pensador da era medieval. A questão que impulsiona essa investigação foi assim formulada: Como entender a noção de interioridade em Agostinho? O objetivo é apresentar uma breve biografia do filósofo para que, por meio desta, se possa conhecer a sua história, o seu pensamento, e suas ideias, além de destacar aqueles que o influenciaram e forneceram os pressupostos que lhe permitiu trilhar o caminho pela busca da Verdade. Descrever a teoria do conhecimento de Agostinho associada à verdade, bem como a iluminação a partir da visão concebida pela imagem metafórica do sol que ilumina em todas as direções. Por fim, é refletir sobre a compreensão acerca do homem interior como imagem de Deus e como a interioridade implica na relação com o transcendente. Para a elaboração desta pesquisa foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, permitindo a construção de um texto autoral, versando sobre a temática proposta. Assim, foram utilizadas obras do autor de referência, além de comentadores e historiadores que enriqueceram este trabalho. Ao final deste trabalho, pode-se apresentar o seu resultado e as considerações finais acerca desta temática. Agostinho no seu itinerário existencial e filosófico buscou a Verdade que está em Deus. Essa busca no princípio era fora de Deus, mas com o passar do tempo ele descobriu que precisava mudar radicalmente a sua vida. Então, resolveu fazer a sua experiência de fé. Ao lê o apóstolo Paulo na sagrada Escrituras foi convertido. Com a sua conversão buscou o conhecimento em si mesmo, no seu interior, até alcançar a Verdade que se encontra em Deus. Nessa busca em si mesmo, no interior, a alma tem um papel importante para se chegar ao encontro com o Mestre interior. A alma passa por ela mesma para poder se ultrapassar. O Mestre interior é Deus que ilumina a alma e esta é o espelho que reflete a imagem de Deus. Portanto, Agostinho descobriu que é na interioridade o lugar do encontro com a Verdade e, por isso mesmo, encontro com Deus.

Palavras-chave: Agostinho. Interioridade. Deus. Verdade. Iluminação.

## ABSTRACT

This work proposes to investigate the notion of interiority in Augustine from the philosophical and theological thought of this medieval thinker. The question that drives this investigation was formulated as follows: how to understand the notion of interiority in Augustine? The objective is to present a brief biography of the philosopher so that one can know his history, his thought, and his ideas, in addition to highlight those who influenced him and provided the assumptions that allowed him to walk the path searching Truth. It is intended to describe Saint Augustine's theory of knowledge associated with the truth, as well as illumination from the vision conceived by the metaphorical image of the sun that illuminates all directions. Finally, the third section reflect on the understanding of the inner man as an image of God and how interiority implies in the relationship with the transcendent. This research was done using the methodology of bibliographic research of qualitative nature, allowing the construction of an authorial text, dealing with the proposed theme. Thus, works by the author were used, in addition to commentators and historians who enriched this work. At the end, it is possible to present its result and the final considerations about this theme. Augustine in his existential and philosophical itinerary sought the Truth that is in God. This search at first was outside of God, but as time went by he found that he needed to radically change his life. So, he decided to do his faith experiment. By reading the apostle Paul in the Holy Scriptures, he was converted. With his conversion, he sought knowledge in himself, within himself, until he reached the Truth that is found in God. In this search in itself, the soul has an important role in reaching the encounter with the inner Master. The soul goes through itself to be able to surpass itself. The inner Master is God who illuminates the soul and this is the mirror that reflects the image of God. Therefore, Augustine discovered that in the interior is the place of the encounter with the Truth and, for this very reason, an encounter with God.

Keywords: Augustine. Interiority. God. Truth. Enlightenment.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 VIDA, OBRA E PENSAMENTO DE AGOSTINHO .....</b>	<b>11</b>
2 1 TRAJETÓRIA EXISTENCIAL E FILOSÓFICA DE AGOSTINHO.....	11
2 2 PROCESSO DE CONVERSÃO: O CAMINHO PARA A INTERIORIDADE .....	14
<b>3 A TEORIA DA ILUMINAÇÃO DE AGOSTINHO.....</b>	<b>18</b>
3 1 A BUSCA DA VERDADE .....	18
3 2 A ILUMINAÇÃO .....	20
3 3 A NATUREZA DA VISÃO .....	22
3 4 O MESTRE INTERIOR .....	26
<b>4 A INTERIORIDADE E SEUS ASPECTOS FILOSÓFICOS EM AGOSTINHO.....</b>	<b>32</b>
4 1 O HOMEM EXTERIOR E O HOMEM INTERIOR .....	32
4 2 AGOSTINHO COMO PENSADOR DA INTERIORIDADE .....	35
4 3 PERCURSO DA ALMA A SI: IMAGEM DE DEUS .....	37
4 4 ORIGEM DO CONHECIMENTO: DE SI A SI E DE SI A DEUS.....	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A vida de Agostinho de Hipona (354-430) foi marcada pela persistente busca pela Verdade. O seu itinerário de vida foi percorrido seguindo essa busca pelo conhecimento que alcançou o ápice com a experiência de sua conversão. Nesse sentido, essa busca incessante se deu a partir da leitura dos textos de Hortêncio de Cícero, da adesão ao Maniqueísmo, ao estudo e à prática da retórica, na convivência com o bispo Ambrósio, com os estudos dos neoplatônicos, com a leitura das epístolas de Paulo. Nesse percurso intelectual e espiritual, ele compreendeu que a Verdade não está fora, mas dentro do homem. Nesse longo caminhar do exterior para o interior, com o esforço da alma de retorno para dentro de si mesma, Agostinho descobriu que é na interioridade o lugar do encontro com a Verdade e, por isso mesmo, encontro com Deus. Para se chegar a essa Verdade é preciso que o espírito pela elevação gradativa em direção a Luz iluminadora alcance o transcendente. Para entender como se deu todo o percurso intelectual e espiritual de Agostinho é necessário conhecer a sua trajetória existencial e filosófica e a sua experiência de fé.

Nesse processo de descoberta rumo à interioridade é que este trabalho de conclusão de curso pretende se debruçar, no intuito de refletir sobre seu caminhar, sobre o processo que culminou com sua conversão e qual a participação da interioridade em seu arcabouço filosófico e teológico.

Posto isto, a questão que norteia todo o trabalho assim se apresenta: como entender a noção de interioridade em Agostinho? Pretende-se investigar esse tema no contexto histórico da era medieval, tendo como fundamento a questão de pensar quem é o ser humano e quais são suas peculiaridades manifestas no tempo e no espaço. Nesse sentido, a intenção é fazer uma reflexão filosófica sobre as respostas dadas por Agostinho às questões surgidas do seu íntimo como experiência pessoal, relacionadas com fatos determinantes para o desenvolvimento do seu pensamento filosófico e teológico e o do seu envolvimento com grandes questões doutrinárias da Igreja de sua época.

Para a elaboração desta pesquisa foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, permitindo a construção de um texto autoral, versando sobre a temática proposta. Assim, foram utilizadas obras do autor de referência, além de comentadores e historiadores que enriqueceram este trabalho.

Para dar sustentação a esta pesquisa, o corpus teórico tem como principais referenciais teóricos dois livros de Agostinho: **A Trindade** (1995) e **Confissões** (1980). Essas duas obras serviram de base para o desenvolvimento do processo de conversão, da teoria da iluminação e da questão da interioridade. Foram utilizados mais dois livros de Agostinho: **Confissões: De magistro** (1980), este livro foi escolhido para o descrever a biografia de Agostinho e **Solilóquios e a vida feliz** (1998), este livro foi escolhido para esclarecer alguns pontos da teoria da iluminação. Como comentadores, permitindo um aprofundamento nesta questão proposta, foram utilizadas três obras, a saber: Étienne Gilson, **Introdução ao estudo de Santo Agostinho** (2006), ajudou na compreensão da temática escolhida, mas foi usado poucas vezes. Danilo Marcondes, **Iniciação à história da filosofia** (2007), serviu para aclarar alguns pontos sobre a interioridade, mas foi usado poucas vezes. Reale e Antiseri, **História da filosofia: antiguidade e idade média** (2007), este livro foi usado para justificar a importância da temática na atualidade. Duas teses, uma de doutorado e outra de mestrado também foram utilizadas, a saber: Joel Gracioso, **Interioridade e filosofia do espírito nas Confissões de Santo Agostinho** (2010), foi usada para esclarecer a questão da interioridade, mas poucas vezes. Maria Fernandes, **Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona** (2007), foi usada com mais frequência para o desenvolvimento da teoria da iluminação e a temática da interioridade.

Ao propor uma investigação sobre a temática da interioridade em Agostinho, o foco da pesquisa se volta para o universo conceitual e suas características acerca do pensamento filósofo deste autor, as quais aparecem associadas a importantes questões teológicas.

Assim, esta temática é trabalhada em três seções. Na primeira, o objetivo é apresentar uma breve biografia do filósofo para que, por meio desta, se possa conhecer a sua história, o seu pensamento, e suas ideias, além de destacar aqueles que o influenciaram e forneceram os pressupostos que lhe permitiu trilhar o caminho pela busca da Verdade. Na segunda seção, o objetivo é descrever a teoria do conhecimento de Agostinho associada à verdade, bem como a iluminação a partir da visão concebida pela imagem metafórica do sol que ilumina em todas as direções. Por fim, na terceira seção, o objetivo é refletir sobre a compreensão acerca do homem interior como imagem de Deus e como a interioridade implica na relação com o transcendente.

Agostinho em seu itinerário de vida buscou conhecer a Verdade. Por meio do percurso intelectual e espiritual ele entendeu que a Verdade não está fora, mas no interior do homem. Com a certeza que ele tinha de que a Verdade se encontrava no interior, ele adentrou nesse caminho da interioridade até encontra a Verdade que está em Deus e ser convertido. Sobre isso será explicitado na primeira seção deste trabalho.

## 2 VIDA, OBRA E PENSAMENTO DE AGOSTINHO

Nessa seção pretende-se apresentar a biografia do filósofo Agostinho (354-430). Por meio desta visa se aproximar da sua história, do seu pensamento, e de suas ideias; além disso, trazer algumas de suas experiências de vida para essa discussão que tem como propósito mostrar o significado que o tema da interioridade assume na sua trajetória existencial.

### 2.1 TRAJETÓRIA EXISTENCIAL E FILOSÓFICA DE AGOSTINHO

Todas as fases de sua vida e os fatos a elas relacionados, em muitos sentidos, revelaram-se determinantes para a constituição espiritual e o desenvolvimento do pensamento filosófico e teológico de Agostinho. Por isso, é necessário apresentar aspectos pormenores desses fatos. Noutras palavras, a abordagem desses acontecimentos e traços biográficos está intimamente ligada ao tema desse trabalho que tem por objetivo apresentar a relevância da interioridade em Agostinho. Neste tópico, especialmente, intenta-se mostrar que todas essas ocorrências de sua vida foram moldando a sua personalidade no percurso que fez até a sua conversão que se deu pela via da interioridade, conhecendo a si mesmo e com o auxílio especial divino, a graça de Deus.

Agostinho nasce no ano de 354 em Tagaste, Numídia, na África. Nesta cidade e em Madura, na África fez os seus primeiros estudos. Foi enviado para Cartago para realizar seus estudos de retórica e completar os estudos superiores. Sua formação cultural se fez essencialmente latina. Seu crescimento intelectual se deu a partir da leitura de Hortênsio de Cícero, que era um elogio à filosofia. A leitura dessa obra despertou em Agostinho um ardente amor pela sabedoria, esse foi o primeiro passo para a descoberta do caminho que poderia conduzi-lo para Deus. Entretanto, esse ardente amor pela sabedoria despertado pela obra de Cícero foi se abrandando porque Agostinho não encontrou o nome de Cristo nessa obra. O nome de Cristo estava em seu coração desde pequeno e qualquer saber que não tivesse esse nome não serviria para ele. Agostinho voltou-se para a Bíblia, mas não a entendeu. O estilo com o qual ela estava escrita, tão diferente do estilo rico em refinamento da prosa

ciceroniana, e o modo antropológico com que parecia falar de Deus ofuscaram sua compreensão, estabelecendo um bloqueio insuperável.

Diante dessa dificuldade com a Bíblia e dando prosseguimento à sua busca pela verdade ele se aproxima do maniqueísmo. O Maniqueísmo, uma religião herética fundada pelo persa Mani no século III, comportava: vivo racionalismo; materialismo; dualismo radical na concepção do bem e do mal, entendidos também como princípios ontológicos e cósmicos. Os maniqueístas imaginaram duas naturezas e substâncias, a do bem e a do mal. Segundo seus dogmas, afirmam que essas duas substâncias estão em luta misturadas entre si, Cristo era revestido de carne aparente e, portanto, também eram aparentes a sua morte e ressurreição. Daí, surgiram muitas dúvidas em Agostinho e após um encontro com o bispo maniqueu Fausto ficou convencido da insustentabilidade da doutrina maniqueísta. Com efeito, como Fausto não resolveu nenhuma das dúvidas de Agostinho, ele resolveu abandonar o maniqueísmo (AGOSTINHO, 1980).

Após abandonar o maniqueísmo, Agostinho abraça a filosofia da Academia Cética, por meio da qual o homem deve duvidar de tudo. Outra vez, teve que abandonar essa escola porque nela não aparecia o nome de Cristo. Entretanto, o maniqueísmo ainda guardava o materialismo, por meio do qual podia entender a realidade, e o dualismo, que possibilitava explicar os intensos conflitos entre o bem e mal que experimentava em seu espírito.

Por fim, Agostinho aprendeu de Ambrósio a maneira correta de abordar a Bíblia, que, por conseguinte, tornou-se lhe inteligível; a leitura dos livros dos neoplatônicos mostrou-lhe a realidade do imaterial e a não existência do mal; com a leitura de São Paulo aprendeu o sentido da fé, da graça e do Cristo redentor. Com isso, Agostinho escutou Ambrósio com muito interesse, isto é, como um retórico que escuta outro retórico. Plotino e Porfírio, que Agostinho leu, aconselham-lhe a solução das dificuldades ontológicas-metafísicas em que estava envolvido. Nos neoplatônicos, Agostinho encontrou algo semelhante com a Escritura, porém, neles não achou um ponto essencial, ou seja, que Cristo morreu pelo perdão dos pecados dos homens: isso não se lê neles, atestou. Agostinho não podia achar em nenhum dos filósofos a verdade de Cristo crucificado pelo perdão dos pecados dos homens, Deus quis mantê-la escondida aos sábios para revelá-la aos humildes, sendo, portanto, uma verdade que para ser alcançada, requer uma mudança interior, não de razão, mas de fé. E

Jesus crucificado é o caminho para operar essa mudança interior, isso ele aprendeu lendo são Paulo (REALE, 2007).

Essa mudança interior era o que Agostinho precisava para mudar o rumo de sua vida. Ele precisava de um novo caminho, mas seguro e luminoso. Então, decidiu pedir demissão do cargo de professor de retórica. Em seguida, retirou-se com alguns amigos, juntamente com a sua mãe e o seu filho e vai para Cassiciaco, perto de Milão. O próximo passo seria o batismo na noite da Páscoa de 387, foi batizado pelo bispo Ambrósio em Milão. Depois de receber o batismo das mãos do bispo Ambrósio resolve retornar para sua terra Natal, a África.

De volta à África em 388, Agostinho vendeu os bens paternos e fundou uma comunidade religiosa e juntos com os amigos mais fiéis pretendia passar o restante de sua vida se dedicando à vocação religiosa. No entanto, ao participar de uma celebração na igreja de Hipona (hoje Annaba ou boné, na Argélia) escutou o bispo Valério propor à assembleia de fiéis a escolha de um coadjutor sacerdotal para o ministério da pregação. O povo o aclamou como novo presbítero. Apesar de Agostinho não ter gostado da indicação, mas entendeu como um chamado divino, com isso teve que deixar de lado as pretensões à meditação teológica. Presbítero aos 36 anos como coadjutor de Valério, e aos 41, sucessor deste, logo depois, como bispo de Hipona.

A fase seguinte de sua vida foi assinalada pelas disputas polêmicas e pelos combates contra os heréticos. A controvérsia contra os maniqueus durou até 404. Posteriormente, ele esteve envolvido contra os donatistas. Para Agostinho o erro de Donato e seus adeptos consistia em fazer a legitimidade do sacramento depender da correção dos ministros e não da graça de Deus. A partir de 412, Agostinho travou uma discursão contra Pelágio e seus adeptos, que defendiam que a boa vontade e as obras bastavam para a salvação do homem, desprezando a necessidade da graça. Agostinho defendia que a revelação cristã gira necessariamente em torno da graça. A sua tese venceu no Concílio de Cartago de 417 e o papa Zózimo reprovou o pelagianismo (REALE, 2007).

Testemunha do fim de uma era, a cultura antiga, viveu com grande intensidade os momentos marcantes da história do ocidente. Presenciou o cristianismo tornar-se a religião oficial do Império, com a autorização dada por Teodósio I, em 380. Em 430 morre Agostinho, um dos maiores e mais influentes padres da Igreja. Agostinho é o mais exímio filósofo dentre os padres da Igreja e, presumivelmente o mais insigne teólogo de toda Igreja.

Todas essas fases e os fatos acima relacionados da sua biografia são o resultado de uma experiência de vida em diversas etapas pelas as quais ele passou. Esses traços biográficos de Agostinho contribuíram para compreender o processo de interiorização pelo o qual passou. Porém, essa experiência se evidenciará e ganhará expressão com o processo de conversão caminho para a interioridade. Mas tal assunto será abordado na próxima subseção.

## 2.2 PROCESSO DE CONVERSÃO: O CAMINHO PARA A INTERIORIDADE

Nessa subseção pretende-se abordar o processo de conversão de Agostinho, destacando o caminho percorrido pela via da interioridade. Essa subseção está separada da primeira porque os traços biográficos de Agostinho, especialmente a sua conversão, nos ajudam a compreender o processo de interiorização pelo o qual ele passou. Agostinho buscou gradativamente abrir-se ao transcendente, num processo contínuo. Um processo muitas vezes doloroso. Buscou primeiro alívio para a alma no mundo exterior, mas foi no percurso para o seu interior que ficou mais próximo da verdade. Este exercício lhe proporcionou uma melhor visão sobre si mesmo, sobre a realidade e uma posterior escolha de ideias e objetos.

Agostinho com o passar do tempo (durante todo o percurso da sua vida buscou encontrar a verdade e, pela a experiência da interiorização, ao final descobriu que essa verdade estava no seu interior: Deus) “tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitava dentro de mim e eu procurava do lado de fora!” (AGOSTINHO, 2006, p. 299) compreendeu a necessidade da vida interior como eixo fundamental no qual inicia a articulação do seu pensamento, a organização de suas ideias, a definição dos seus princípios, o sentido da sua vida, as reações do cotidiano em sua alma. Ele almejava por verdades eternas, imutáveis. Percebia que o percurso ao encontro da verdade era como um caminhar ao mesmo tempo para o encontro de si.

Agostinho fez o percurso de interiorização que o levou à conversão, esse foi o caminho tanto desejado por ele. Porque não suportava mais o conflito interno que vivenciava. “Portanto, eu compreendia por experiência própria o que havia lido: que a carne tem dois desejos contrários ao espírito. Sentia claramente os dois desejos, reconhecendo-me mais naquele que desaprovava” (AGOSTINHO, 2006, p. 214). Esse

foi um momento dramático que Agostinho viveu, pois as renúncias, sobretudo da carne, lhes eram exigências intensas. Entretanto, ele sabia que a mudança de vida pela verdade era radical, radical também devia ser a sua atitude para chegar à conversão.

Agostinho se vê dilacerado entre duas vontades contrastantes. Sentia-se dominado pelo inimigo que forjava uma cadeia para mantê-lo preso. Ele dizia: “da vontade nasce a paixão; servindo à paixão, adquire-se o hábito, e, não resistindo o hábito, cria-se a necessidade” (AGOSTINHO, 2006, p. 214). Com isso estava formada uma espécie de anéis intrincados dando uma ideia de cadeia que lhe aprisionava à dura escravidão. Em dado momento despertou nele uma nova vontade, a de servir a Deus, que lhe dava plena segurança, mas não tinha capacidade de vencer a anterior, fortificada pelo tempo. Agostinho foi despertado por essa vontade e disse: “rompi com todos nossos sonhos e decidi servir a Deus a partir deste momento, no lugar onde me encontro” (AGOSTINHO, 2006, p. 216).

Agostinho sofria e ficava angustiado, pois lhe acusava mais duramente que de costume. Ele ainda não tinha rompido com as cadeias que lhe prendiam. Por sua vez o Senhor não lhe dava trégua no íntimo do seu coração. “Duplicava os açoites do temor e da vergonha, para que ele não demorasse a ceder, para que ele rompesse definitivamente aquele exíguo e tênue fio, para que não se reforçasse e se envolvesse ainda mais” (AGOSTINHO, 2006, p. 227).

Agostinho estava envolto nessa tensão, estava tudo em ebulição. Ele precisava recolher-se, ficar consigo mesmo. Falava assim: “vamos, é preciso agir, agora! E das palavras partia a decisão final. Estava a ponto de agir, mas não agia” (AGOSTINHO, 2006, p. 227). Tudo isso ele mencionava nas suas dilacerações interiores. Ele, sozinho, não conseguia transformar seu interior de forma a abraçar o cristianismo e renunciar as paixões, o mundo exterior.

Que atitude tomar diante do problema da vontade, para este problema da orientação da alma, para o problema da sua conversão? Para Agostinho, somente na graça a vontade é livre. Somente com o auxílio divino e com a graça, a vontade de fazer a vontade de Deus pode vencer.

O momento da conversão de Agostinho acontece quando ele decide fazer a sua experiência de fé. Recolhido consigo mesmo, distante de tudo que lhe era exterior para ficar com Deus. Então dirigiu-se a um jardim ao lado e escutou um canto de criança, vindo da casa vizinha, que dizia: “Toma e lê, toma e lê” (AGOSTINHO, 2006,



p. 230). Pensativo ele refletia o que isso queria dizer. De repente lhe veio uma mensagem para que dirigisse à sagrada Escritura, então ele abriu o livro do apóstolo Paulo onde consta:

Não em orgias e bebedeiras, nem devassidão e libertinagem, nem rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procurareis satisfazer os desejos da carne. Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza (AGOSTINHO, 2006, p. 230).

Quando Agostinho leu na sagrada Escritura o que o apóstolo Paulo falou sentiu que aquilo era para ele, pois Agostinho vivia em orgias, bebedeiras, devassidão, libertinagem. Ele procurava abandonar tudo isso, mas não conseguia, foi a partir desse momento que ele se converteu. Ele se revestiu de Jesus Cristo e a luz da certeza, da verdade penetrou no seu coração.

Após essa leitura Agostinho se dirigiu a sua mãe Mônica para lhe comunicar a sua conversão. Ela ficou muito feliz por isso. Ele relatou os fatos que ocorreram para que houvesse a sua conversão. Ela exulta e bem diz o Senhor, “que és poderoso além do que pedimos ou pensamos” (AGOSTINHO, 2006, p. 230).

Para Agostinho, a sua conversão foi o resultado de um longo processo de busca da verdade, conforme apresentado acima, ou seja, o que aconteceu em todas as fases de sua vida e os fatos a elas relacionados. Começou com a leitura de Cícero, depois aderiu ao Maniqueísmo, em seguida se aproximou do Ceticismo, fez a experiência da escuta com o bispo Ambrósio que lhe ensinou a maneira correta de abordar a Bíblia, leu os neoplatônicos e a Sagrada Escritura até chegar a sua conversão, mas essa conversão só foi possível quando Agostinho decidiu fazer a experiência de fé. Recolhido consigo mesmo, distante de tudo que lhe era exterior para ficar com Deus. Essa sua conversão que se deu pela via da interioridade, na qual passou por conflitos internos, momento dramático ao ter que renunciar aos desejos da carne e somente quando buscou abrir-se ao transcendente e voltar-se para o seu interior é que descobriu que a verdade estava no mais profundo do seu íntimo que é Deus. Mas foi preciso recorrer a um auxílio especial divino, a graça de Deus. Isso significa que ele ao buscar a verdade em seu interior o fez elevando a sua alma para encontrar a verdade eterna que se encontra Deus.

A interioridade foi elemento importante na dimensão espiritual de Agostinho. Mas ela também cumpre um papel no desenvolvimento da sua filosofia, de modo especial na tematização da teoria da iluminação. Em que consiste essa teoria? Como a interioridade se faz presente nessa teoria? Sobre isso veremos na seção seguinte.

### 3 A TEORIA DA ILUMINAÇÃO DE AGOSTINHO

Nessa seção pretende-se abordar a teoria do conhecimento de Agostinho, a qual está associada à verdade. Essa verdade ele descobre em si mesmo em um sentido mais elevado, buscando ver as semelhanças existentes entre a realidade inteligível que se encontra no homem e a realidade inteligível que está em Deus.

#### 3.1 A BUSCA DA VERDADE

Toda a teoria agostiniana do conhecimento está unida estreitamente à maneira como o homem conhece a Deus. Assim, a maneira como se processa o conhecimento humano confunde-se com a procura e com a maneira como o homem conquista a sabedoria, a qual é associada à verdade, à felicidade e à beatitude que vem do proveito de Deus.

A possibilidade do conhecimento de Deus, mesmo com todas as limitações humanas, coloca em destaque o caráter singular do pensamento agostiniano, analisado do ponto de vista filosófico e teológico. Deus não será mais o Ser incognoscível e exterior ao homem e este poderá percorrer o caminho da salvação por uma razão que se une e até mesmo complementa a fé (FERNANDES, 2007).

Apesar de analisar a fé como condição primeira para atingir as verdades manifestadas, Agostinho advoga a necessidade de compreender o que se crê, porque admite que o entendimento possibilita o progresso espiritual necessário para a posse das verdades que procedem de Deus. O próprio Deus, seja por suas palavras ou por seus atos, exortou aos que creem, aos quais os chamou a salvação, disse-lhes: “ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3).

Agostinho uniu como ninguém a vontade de possuir a verdade a partir desta vida, verdade surgida da tradição filosófica, com a necessidade de conquistar essa verdade através do desenvolvimento espiritual e moral. O que ele busca é um bem tal que sua posse traga paz, felicidade, retidão, senso de justiça e entrega total a Deus.

Nas **Confissões**, (2006), capítulo VII, Agostinho descreve sua conversão ao neoplatonismo:

“Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te

fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima da minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza (AGOSTINHO, 2006, p. 190).

Agostinho descobre a verdade nele mesmo, por meio do olho do espírito, que igualmente pode ser entendido como o olho da inteligência. Fixando-se ainda precisamente no fato dessa visão, sem se absorver com a natureza desse olhar, Agostinho evidencia que embora a luz possa ser vista no interior, está acima de nossas mentes. Trata-se de um acontecimento transcendente ao espírito. Uma luz metafísica, incorporeal, imutável e espiritual, totalmente diversa daquela que os olhos corporais percebem sensivelmente (FERNANDES, 2007).

Assim, diante da Luz, Agostinho se depara com uma realidade triádica essencial: a Verdade, que é o Ser atingido pelo espírito, a Eternidade, atributo intrínseco à Verdade e o Amor, ponto de partida ou movimento que estimula a alma em direção ao bem que concebe a Verdade eterna. Ao juntar as realidades duas a duas, longe de fazer um simples jogo de retórica, Agostinho observa o grau de relações mútuas entre elas e, dessa forma, a profundidade dessa descoberta.

A revelação da Luz mostra que o espírito tem a capacidade de se elevar, ainda que por alguns instantes, à percepção da verdade. Isso confirma, portanto, que a verdade é independente e transcendente ao espírito, não surge do interior. Ela acontece por aí por um mistério que é a própria presença daquela luz.

Agostinho assegura simplesmente que, almejando a verdade, a alma vê uma lei que lhe é mais elevada e uma natureza imutável que é Deus. De acordo com Agostinho: “é necessário concluir que, acima de nossa mente, existe uma Lei que se chama verdade” (AGOSTINHO, apud REALE, 2007, p. 442). O que a alma percebe é um conteúdo de nossa razão que não pode ser esclarecido do ponto de vista da mesma razão e que nos força, por consequência, a transcendê-la para asseverar a existência de uma luz que ilumina a verdade subsistente. É, portanto, a possessão ou não da luz que caracteriza uma consciência perfeita de outra imperfeita, pois uma visão turva é sempre uma visão parcial, incompleta e sujeita a ardis desastrosos à consciência humana.

Porque é interior, a certeza da verdade clarificada por essa luz será sempre mais elevada a qualquer outra certeza. O que significa dizer que a luz acende na

consciência humana uma verdade de evidências intuitivas. Cabe a nós indagar, no entanto, de onde vem esse conhecimento intuitivo da verdade.

As respostas que vêm sendo pesquisadas pelos intérpretes do pensamento agostiniano exibem sempre duas faces: por um lado a natureza divina da luz – teoria da iluminação divina – e, por outro, a precisa posição que o intelecto humano ocupa dentro da doutrina. Assim, há uma ligação muito próxima entre o homem e Deus no plano da inteligência. Agostinho adentrou em sua alma e lá descobriu a verdade numa magnitude entre o humano e o divino. Assim nossas discussões ganham desdobramentos ao se buscar colocar exatamente em que ponto se fixam os limites entre a realidade ininteligível de Deus e o mundo inteligível interior presente na alma, e entre este e a realidade exterior do mundo sensível (FERNANDES, 2007).

Quando aborda a questão do conhecimento, Agostinho se ocupa em primeiro plano daquilo que compete ao mundo mais elevado, buscando ver as semelhanças existentes entre a realidade inteligível que se encontra no homem e a realidade inteligível que está em Deus.

Como visto na seção acima, a teoria do conhecimento de Agostinho busca conhecer a verdade e ele a encontra em si mesmo, por meio do olho do espírito. A revelação da Luz mostra que o espírito tem a capacidade de se elevar, ainda que por alguns instantes, à percepção da verdade. Essa revelação da Luz ele a chama de teoria da iluminação e que será explicitada a seguir.

### 3 2 A ILUMINAÇÃO

Nessa subseção pretende-se abordar a teoria da iluminação de Agostinho. A visão da ordem concebida pela imagem metafórica do sol que ilumina em todas as direções. Com base nessa imagem Agostinho procurou adequá-la ao cristianismo, onde Deus é a própria fonte da Luz.

De acordo com Plotino, o princípio subjacente a tudo que há no mundo sensível é a ordem e o bem. A visão da ordem é a ideia concebida pela imagem metafórica do Sol que, permanecendo luz em si, ilumina de fulgor em todas as direções. Todas as coisas surgem de Deus, assim, pertencem e procedem dele. Mas a mesma ordem hierárquica que cada ser ocupa no universo manifesta um descenso progressivo. Assim, como a luz vai se turvando na medida em que nos distanciamos

de sua fonte, igualmente o distanciamento do esplendor da singularidade absoluta do Uno nos conduz para a escuridão de uma elevada distinção e multiplicidade.

Agostinho de certa maneira adotou essa imagem, adequando-a ao cristianismo. As ideias são os próprios pensamentos de Deus, origem da luz, porque o princípio supremo do Ser e do conhecimento, isto é, Deus é a própria fonte da luz.

A principal fonte de inspiração para adequação e formulação da teoria agostiniana da iluminação tudo indica que foi o Evangelho de São João:

O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz (Jo 1, 4-9).

A filosofia de Agostinho segue, portanto, o mesmo princípio de ser e saber constituídos em uma inteligibilidade apresentada pela imagem do sol, à diferença que em Agostinho a alma necessita buscar a luz por meio de um giro, para o interior. O bem permeado pela luz não se acha na ordem cósmica subjacente aos objetos que procuramos conhecer, nem no campo das Ideias e sim no mesmo Deus que clarifica a alma humana. Assim sendo, **em Solilóquios e a vida feliz**, (1998), encontra-se uma referência à luz, fazendo uma menção à caverna de Platão.

Para esses a própria luz é, de algum modo, saúde, sem necessidade de alguém que lhes ensine, senão talvez apenas de alguma exortação. Para eles é suficiente crer, esperar, amar. Ao passo que outros são feridos pelo próprio brilho que desejam imensamente ver, mas, não conseguindo ver, com frequência retornam às trevas com prazer (AGOSTINHO, 1998, p. 23).

Ao comparar Deus à luz inteligível, Agostinho sinaliza a nítida diferença entre o que é reluzente por si e, portanto, visível por natureza, e o que unicamente pode ser visível por uma luz cedida. Nesse sentido, Agostinho afirma que Deus é inteligível e inteligíveis são também os princípios das disciplinas, mas com notáveis diferenças, “com efeito, tanto as qualidades corpóreas como a luz são visíveis, mas as qualidades corpóreas não podem ser vistas se não forem iluminadas pela luz” (AGOSTINHO, apud REALE, 2007, P. 443). O sol é reluzente e torna os objetos reluzentes e visíveis. Da mesma maneira Deus é inteligível e cede a inteligibilidade às verdades percebidas

pela alma. Dessa maneira, Agostinho em *Solilóquios e a vida feliz*, (1998), invoca essa luz inteligível.

Deus, Pai da verdade. Pai da sabedoria, Pai da verdadeira e suprema vida, Pai da felicidade, Pai do que é bom e belo, Pai da luz inteligível, pai do nosso desvelo e iluminação, Pai da garantia pela qual somos aconselhados a retornar a ti (AGOSTINHO, 1998, p. 16).

Agostinho emprega essas comparações para diferenciar e determinar o papel da atividade divina em relação ao intelecto humano. Por isso é preciso destacar bem a diferenciação entre o intelecto humano e a luz divina.

Se Deus não substitui nosso intelecto, mesmo quando alcançamos a Verdade, a iluminação não pode ser aceita como um domínio sobrenatural oferecido ao homem. Todo processo cognitivo humano se amplia nos limites da própria natureza. Da mesma maneira que o homem nasce com um intelecto próprio, igualmente nasce com a capacidade de ver a luz sem ser turvada por ela. A luz brilha para todos os homens providos naturalmente de um intelecto. Nesse sentido a iluminação igualmente não pode ser aceita com um dom derivado por qualquer tipo de merecimento. É o próprio homem que requisita a iluminação para tornar seu intelecto com capacidade de ver a verdade em benefício de uma ordem natural expressamente constituída por Deus (FERNANDES, 2007).

Como visto na subseção acima, a teoria da iluminação aponta para a luz que vem de Deus. O homem requisita essa iluminação para tornar seu intelecto com capacidade de ver a verdade, essa capacidade depende da natureza da visão que será explicitada a seguir

### 3 3 A NATUREZA DA VISÃO

Nessa subseção pretende-se abordar como a iluminação, partindo da percepção intelectual das verdades procedentes de Deus necessitará ser compreendida como um fato, uma ação de dois polos – ação de Deus e ação do homem.

Para encontrar a direção exata que Agostinho quis dar para a iluminação, pode-se partir do pressuposto que ela é uma percepção intelectual das verdades procedentes de Deus ou a capacidade de compreensão das verdades transcendentais

que se baseiam todos os outros saberes. Portanto, a iluminação necessitará ser compreendida como um fato, uma ação de dois polos – ação de Deus e ação do homem.

Para Agostinho, a ação Divina que torna possível o conhecimento tem uma relação direta com o próprio ato da criação, que se faz fora do tempo, no eterno presente de Deus. A ação, nesse sentido, é causal em duplo aspecto: na origem e na iluminação. Deus atua quanto a possibilidade de se conhecer na medida em que cria a razão humana e igualmente na medida em que torna o objeto de conhecimento perceptível aos olhos interiores.

Como já exposto acima, a ação divina nunca interfere na ação intelectual do homem. Ao contrário, pode-se ver mais adiante que a ação intelectual do espírito está francamente ligada à vontade. O que existe é uma ação nas condições de possibilidade da razão humana. Deus capacita o olho do espírito para que o homem progrida das verdades percebidas pelo espírito à Verdade que o ultrapassa (FERNANDES, 2007).

A ação do espírito precisará ser, portanto, uma ação de procura a essa acurada visão que supera as percepções imediatas. Aventa-se aqui não de abstrações de realidades sensíveis e sim da própria inteligência de realidades de base, a percepção de sua própria experiência ou a aptidão de fazer julgamentos universais. Mesmo que se possa diferenciar os dois exemplos dados acima como o primeiro, espontaneamente percebido pelo espírito e o segundo, como um produto moral ou intelectivamente originado pela inteligência – aquilo que Agostinho define por Sabedoria -, ambos podem ser reconhecidos como verdades que manifestam a Verdade. Agostinho confirma que das verdades vistas pelo espírito pode-se progredir para a Verdade transcendente. Há assim um trânsito natural de uma a outra como se existisse entre uma e outra um jogo – claro, não retórico – de evidências.

Onde, pois, estarão escritas essas regras? Ela que possibilitam ao injusto reconhecer o que é justo, descobrir que deve possuir aquilo que ele mesmo não possui? Onde hão de estar escritas senão no livro daquela luz que se chama verdade? Nesse livro é que se baseia toda lei justa que é transcrita e se transfere para o coração do homem que pratica a justiça. Não como se ela emigrasse de um lado para o outro, mas a modo de impressão na alma. Tal como a imagem de um anel fica impressa na cera, sem se apagar do anel (AGOSTINHO, 1995, p. 469-470).



É essa capacidade perceptiva do espírito que se pode denominar de intuição. Por intuição pode-se compreender o ato de olhar atentamente, observar, pesquisar e também, desvendar ou avistar internamente. O termo parece, assim, trazer o significado exato do que Agostinho quis dizer ao se mencionar à iluminação que atrai à mente a visão de Deus (FERNANDES, 2007).

Acima de todo pressuposto filosófico e religioso, a teoria convida a uma experiência mística da percepção de Deus vivo na alma. A mente humana, nesse sentido, não pode ser adotada meramente como um agente passivo diante iluminação e sim uma ferramenta cuja função será de fazer apelo às capacidades naturais e mais elevadas da alma, que pensam um espírito capaz de produzir prontamente, quando se realizam as condições externas e internas imprescindíveis à sua atividade. A intuição implica, portanto, uma atividade árdua do espírito amparada pela vontade e que encontra auxílio na ação iluminadora de Deus. Enquanto, auxílio, a iluminação é, ao mesmo tempo, fonte inspiradora para o querer e via para o alcance da Verdade transcendente.

Ainda que Deus exerça um papel ativo na iluminação e ainda que esse papel signifique uma via mística dentro da teoria, nada garante que a iluminação seja um recurso complementar constituído sobre uma deficiência natural das faculdades humanas. Toda deficiência procede do pecado, mas este não livra da natureza o poder de compreender certas verdades. Se a natureza se tornou insuficiente pelo pecado, a iluminação equilibra toda e qualquer falta, cravando a alma na posição exata de posse da Verdade. Portanto, em uma ordem genuinamente natural, a intuição busca auxílio na ação divina. O movimento é sempre ascensional: do exterior ao interior, do interior ao mais elevado, das experiências intelectivas mais próximas à Verdade de Deus presente na alma (FERNANDES, 2007).

Pode-se verificar nos textos de Agostinho que quase sempre a análise intensa do conhecimento verdadeiro termina na prova da existência de Deus. Como a prova acaba sendo consequência de uma contra-argumentação aos céticos, antes de instituir a certeza na existência de Deus, Agostinho trata de demonstrar a possibilidade da certeza em geral, apoderando-se da primeira e maior de todas as certezas: sua própria existência. Será sob o cenário do engano e da dúvida que Agostinho afirmará a indubitabilidade da existência de si, pois para se enganar é necessário antes de tudo ser.

Se fica afirmada a abjeção aos cétricos através dessa apreensão primeira, é preciso ainda avançar um passo adiante para justificar a existência de algo, superior à própria razão, com a capacidade de governar tudo sem ser governado por nada. É nesse sentido que Agostinho institui duas regras de base: A primeira delas cita que aquilo que inclui acuradas outras perfeições, sem estar incluso nelas, é mais completo que estas, e a segunda, que aquilo que julga de outras coisas é mais completo que as coisas sujeitas ao seu julgamento. Ora, das três realidades de base referidas acima: o ser, a vida, e o conhecimento, este último o mais sublime, pois o conhecimento requer a vida e o ser, ao passo que nem o ser nem a vida requerem o conhecimento. É admissível ser sem viver e conhecer, como a pedra. Igualmente é admissível ser e viver sem conhecer, como os animais. entretanto não se pode conhecer sem ser e sem viver. Assim, o conhecimento, atributo do homem requer os outros dois conceitos sendo, portanto, o mais completo de todos.

Nessa perspectiva Agostinho organiza uma ordem hierárquica do saber. O conhecimento sensível, não obstante ser o mais evidente, é sempre restrito ao objeto seu órgão próprio de percepção. Os sons dependem apenas do ouvido, já as figuras e as formas podem ser captadas pelos os olhos e pelo tato. Esse tipo de conhecimento é, contudo, comum a todos, o que implica a existência de uma força mais elevada e interior com a capacidade de sentir os objetos exteriores.

Os objetos corpóreos são percebidos pelas sensações. Estas como estão no nível do viver produzem conhecimento porque pertencem à alma. Não obstante se afirmar que as sensações são próprias da alma e, conseqüentemente, superiores aos objetos que sensoriam, ainda estamos falando, aqui, de um uma espécie de percepção igualmente presente nos animais. O que transcende a esse sentido interior é o que julga de outro sem ser julgado por ele, a saber, a razão que, em conformidade com a regra, será o que existe de mais sublime ao homem. A razão é uma terceira verdade, mais completa que todas as outras, que está presente apenas no homem. É, pois, através dela que o homem sabe que existe e vive (FERNANDES, 2007).

É justamente nesse ponto que Agostinho busca lugar para a argumentação da prova da existência de Deus. Acima da razão deve haver algo que julga e não é julgado por ela, e esse algo é a Verdade. Mais elevada que a razão está a Verdade, que julga e controla a razão. Como já visto acima, a razão é superior aos sentidos, como a Verdade é superior à razão. Ao falarmos de uma sensação procedente de um objeto sensível, apresentamos uma experiência de domínio completamente interior.

Ainda que o objeto da sensação seja comum a todos, o experimento sensitivo é sempre particular.

Mas ao se procurar aqueles parâmetros que regulam o conteúdo dessas sensações, o homem compreende a superioridade do universal sobre o particular, do eterno sobre o temporal, ou que sete mais três são dez. O homem descobre que a Verdade não resulta dele, pois o verdadeiro é eternamente verdadeiro e perdura independentemente de se ter ou não sua posse (FERNANDES, 2007).

As diversas verdades procedentes das realidades sensíveis são eminentemente provisórias e isoladas das experiências individuais. Uma vez que se submeta essas experiências aos moldes inteligíveis do conhecimento, os conhecimentos podem, afinal, ser compartilhados com os outros.

Independente do espírito, a Verdade é tanto transcendente como reguladora. Logo que, ao buscar a Verdade inteligível, o espírito encontra uma lei que lhe é mais elevada e uma natureza imutável que é Deus. Não se chega à Verdade através de um salto no transcendente, mas sim pela elevação gradativa do espírito em direção à luz iluminadora dessa Verdade transcendente. O conhecimento, nesse sentido, é fruto da ação reguladora da Verdade eterna e imutável e da ação do espírito que se predispõe a procurá-la. Em resumo, o conhecimento será para Agostinho a descoberta da Verdade que se confunde com a própria descoberta de Deus.

Como visto na subseção acima, para Agostinho a verdade será encontrada com a elevação gradativa do espírito em direção à Luz iluminadora. Esse encontro se dará na alma, encontro com o verdadeiro Mestre, chamado Mestre interior. O que Agostinho chama de Mestre interior será explicitado a seguir.

### 3 4 O MESTRE INTERIOR

Nessa subseção pretende-se abordar o que significa Mestre interior. Para Agostinho a linguagem não pode ser considerada como mediadora da relação entre pensamento e correspondências de ideias. Agostinho não questiona a verdade dos pensamentos e sim a significação dos signos. A verdade que se encontra na alma é revelada pelo o Mestre interior. Agostinho descobre o conhecimento verdadeiro com a presença de Deus no interior.

Para Agostinho, ainda que a linguagem seja o conduto mais ordinário de comunicação de ideias, não é possível asseverar, sem objeções, que exista uma relação muito estreita entre linguagem, pensamento e correspondências de ideias. Agostinho notou que as conversações se limitam frequentemente a monólogos paralelos em que se crê permutar ideias, se crê entender quem escutamos e ser entendidos por quem escuta, mas que nos conduzem a frequentes equívocos e mal entendidos. Em uma análise da linguagem no *De Magistro*, (1980), Agostinho não coloca em jogo a verdade dos pensamentos e sim a significação própria dos signos, concluindo que nem sempre a linguagem consegue demonstrar a intencionalidade das ideias (FERNANDES, 2007).

Se a linguagem tem assim seus limites, pode-se indagar como Agostinho idealiza o ato de ensinar e aprender. Para Agostinho não se ensina uma ideia sem fazer com que o aprendiz a encontre nele mesmo. Conhecer um objeto da inteligência como uma expressão matemática, ou um objeto dos sentidos, como certa melodia, são processos operados no interior. Ainda que a alma se apoie numa rede de signos e códigos linguísticos para explicar certos objetos, é sempre de dentro que ela obtém a substância própria que parece perceber. Nessa medida é possível se indagar de onde procede essa capacidade irreduzível à alma humana que a faz captar de uma forma visivelmente tão espontânea o conteúdo dos objetos.

Levando-se em conta uma possível influência da teoria platônica no pensamento de Agostinho, poderíamos recomendar uma referência à reminiscência no sentido de uma preexistência. Podemos examinar os termos lembrança e esquecimento sendo empregados com certa regularidade nos textos de Agostinho, mas não no sentido que aparente tão próximo daquele empregado por Platão.

Em *A Trindade*, (1995), Agostinho recusa muito nitidamente que sua concepção tenha alguma similitude com a preexistência da alma de Platão. Nesse sentido o texto fala por si mesmo:

Não se há de acreditar nos que afirmam que Pitágoras de Samos se lembrava de sensações experimentadas quando estava revestido de outro corpo aqui na terra; nem acreditar em outros que falam de pessoas que passaram por experiências semelhantes.

Essas reminiscências são falsas e parecidas às que experimentamos em sonhos, quando cremos recordar ter feito ou visto o que na realidade não fizemos nem vimos. (...) Se de

fato se recordassem do que viram aqui em corpos anteriores, tal experiência aconteceria a muitos, e mesmo a quase todos, pois nesse caso, deveria haver um trânsito contínuo de vivos para mortos, de mortos para vivos, tal como se passa do estado de vigília para o sono e do sono para a vigília (AGOSTINHO, 1995, p. 391).

Tendo contemplado as ideias, a alma, uma vez encarcerada de um corpo, deveria ter em si a integralidade dos conhecimentos acessíveis ao homem. A experiência descrita por Sócrates no *Ménon* conduz à memória apenas aqueles conhecimentos inteligíveis, acessíveis apenas ao intelecto, como é o caso dos conhecimentos em geometria ou matemática. No caso dos conhecimentos relativos à ordem do sensível é essencial a experiência temporal.

Mas dado que o pensamento obtém dele mesmo o que parece receber, é possível ainda se cogitar que as ideias sejam pré-formadas na alma a partir do tempo do seu nascimento. Assim, a hipótese de recorrer a uma teoria do inatismo não seria improdutiva se atribuíssemos a constituição das primeiras ideias inteligíveis a uma ação divina que as teria depositado na alma na ocasião da concepção ou do nascimento. Assim sendo, o conhecimento decorreria de uma memória sem preexistência (FERNANDES, 2007).

O caráter contraditório de uma alma temporal, gerando em si as verdades eternas, seria um ponto de adequação entre a teoria agostiniana e as duas hipóteses de interpretação. Seguramente não existe, para Agostinho, conhecimentos eternos que possam ser gerados, pois a razão humana não cria a verdade, ela a descobre.

Parece, todavia, que nenhuma das duas maneiras de interpretação seja integralmente adequada à fórmula agostiniana da iluminação. Tanto a reminiscência como o inatismo indicam uma alma refratária aos dados procedentes do seu exterior, competindo a ela somente apenas a ação de relembrar. Agostinho, ao invés de negar, assegura que a alma seja capaz de produzir conhecimentos pelos sentidos externos, os quais, uma vez interiorizados, são também individualizados.

Mas a razão não é mediadora entre nosso sentido interior e as verdades eternas, imutáveis e universais que se encontram em todos os homens, não como reminiscência ou memória, mas por iluminação divina na inteligência do homem. Assim, a Verdade, própria à realidade universal, fixam-se à razão humana e o pensamento concebe a Verdade em forma de leis ou regras racionais.

É exatamente porque a razão tem de se sujeitar às leis da Verdade que a comunicação entre os homens se torna possível. O que assegura o entendimento entre os falantes é um acordo, uma verdade em comum e maior que qualquer opinião particular, maior que a própria razão. Igualmente na ordem sensível, mesmo que existam formas de percepções sensíveis individuais e particulares entre os variados espíritos, existem manifestações comuns entre indivíduos diferentes. O que faz um objeto perceptível é o fato de o objeto ser um outro, diferente da consciência que o percebe. Da mesma maneira, na esfera dos conhecimentos inteligíveis, as verdades captadas pelos diferentes espíritos são precisamente distintas de cada um deles (FERNANDES, 2007).

O encontro com a Verdade se dá na alma e governa a própria alma. É o encontro com o verdadeiro Mestre, chamado de Mestre interior. Temos apenas um mestre: a Verdade interior ou o mesmo verbo de Deus que a todo momento é sondado pelo espírito em conformidade com a sua boa ou má vontade. Dessa maneira, a linguagem tem apenas o papel de estímulos nos processos de aprendizagem. A partir das palavras do mestre exterior os discípulos examinam se o que fala é ou não verdade. Esse exame é feito avaliando consigo mesmos se as coisas proferidas são verdadeiras, apreciando segundo as suas forças, a verdade interior.

Na análise exaustiva do conhecimento verdadeiro, Agostinho se encontra mais uma vez com presença de Deus no interior. Platão foi preciso quando percebeu que a alma descobre nela mesma a verdade inteligível, mas não através da memória de uma outra vida. A alma racional acolhe a Verdade racional graças ao Mestre interior, contando para isso somente que demos atenção às verdades que se põe em evidência. Se existe o uso das palavras memória e reminiscência é para referir-se à memória do presente, cujo papel é nos fazer notar que para além do que conhecemos e refletimos existe sempre aquilo que não refletimos, mas poderíamos saber porque Deus não para de nos ensinar: o aprender do Verbo que Agostinho indica indiferentemente aprender recordar ou mesmo, meramente, pensar. Deus não é apenas objeto transcendente, mas o princípio subjacente à própria aptidão de conhecer. Assim não basta volver o foco da atenção para o comando da razão sobre a realidade inteligível. Agostinho mostra que o olho do espírito tem igualmente de estar vigilante ao que o próprio Deus fala e mostra (FERNANDES, 2007).

Não é caso, no entanto, de trocarmos a preexistência pelo inatismo. Deus não colocou no homem ideias tão completas que a mente não necessitasse se esforçar

para encontrá-las e sim a aptidão de encontrar a Verdade em conformidade com a própria a aptidão de amar e desejar essas Verdades. Tanto os conhecimentos do mundo interior como do exterior implicam a atividade da alma. Mesmo que Agostinho não despreze as informações procedentes das experiências sensitivas, e as use em analogia ao conhecimento inteligível, para conhecer é necessário explorar o conteúdo de nossa consciência, utilizando de todas as verdades já conhecidas.

A alma percebe pelos sentidos corporais tudo o que pertence à ordem do corpo e por ela própria tudo o que pertence à ordem do pensamento. Como os sentidos não são capazes de serem sensoriados pelos próprios sentidos, Agostinho ordena que para elucidar o conteúdo de nosso conhecimento tudo passe pela alma.

Na realidade, quem gostaria de falar de tais coisas, se cada vez que falássemos da tristeza ou do temor, fôssemos obrigados a ficar tristes e temerosos? No entanto, não poderíamos falar se não encontrássemos na memória, não somente os sons das palavras segundo as imagens impressas nos sentidos, mas as próprias noções das coisas que não entraram em nós através de algum acesso do corpo. Essas noções foram confiadas à memória pelo espírito, depois de este havê-las experimentado e sentido, ou foram retidas pela memória sem que ninguém as tivesse confiado a ela (AGOSTINHO, 2006, P. 286).

Assim, ainda que a Verdade preceda à nossa origem e se faça presente desde o instante de nosso nascimento, não se pode dizer que ela nos pertença. A Verdade pertence a Deus, Verbo eterno, para se depositar na alma. Assim, em todo conhecimento verdadeiro se descobre um elemento cuja origem não encontramos dentro das coisas, nem em nós mesmos e, sim, em uma fonte que nos é mais interior que nosso próprio interior. Para atingi-la é necessário que a alma se volte para si própria para poder sair de si. A alma passa por ela própria para poder se ultrapassar.

É nesse interior e nessa força interior procedente de Deus que podemos ir ao encontro do Mestre. Deus é o mestre interior que se pode compreender por uma espécie de luz que ilumina a razão e a acende em nós. Agostinho utiliza a metáfora da iluminação porque presume que o ato pelo qual o pensamento compreende a verdade seja comparável àquele em que os olhos veem os corpos (FERNANDES, 2007).

Como os objetos tornam-se manifestos pela luz, as verdades científicas tornam-se inteligíveis por uma espécie de luz para serem abrangidas pelo

pensamento. Como o sol, que como fonte de claridade corporal torna as coisas visíveis, Deus é a origem da luz espiritual que torna as ciências inteligíveis ao pensamento.

Deus é inteligível e também inteligíveis são as proposições das ciências, porém, diferem em muito. Pois a terra é visível. Como também o é a luz; mas a terra não pode ser vista se não for iluminada pela luz. Por isso, as coisas que alguém entende, que são ensinadas nas ciências, sem dúvida alguma ele as admite como verdadeiras, mas deve-se crer que elas não podem ser entendidas se não forem esclarecidas por outro, como que por um sol (AGOSTINHO, 1998, p. 34).

Apreendemos o inteligível não somente porque o olho de nossa alma está virado para ele, mas, especialmente, porque somos orientados pelo Mestre interior. Deus está por trás do olho e pode ser achado na intimidade de uma auto presença. Na verdade, Ele está mais próximo da realidade de um experimento de si mesmo, a despeito de estar infinitamente acima dela. Agostinho modifica o foco do campo dos objetos de uma experiência para a própria atividade de conhecer, assim a mudança de direção ocorre pela atenção que damos a nós mesmos enquanto interior.

Na teoria da iluminação de Agostinho abordada acima, a interioridade ocupa um papel fundamental na filosofia de Agostinho. Como pensar essa interioridade e como Agostinho se refere a ela? Isso será explicitado na seção seguinte.



## 4 A INTERIORIDADE E SEUS ASPECTOS FILOSÓFICOS EM AGOSTINHO

Nessa seção pretende-se desenvolver os aspectos que envolvem o homem exterior e o homem interior na concepção de Agostinho. A função que a alma tem no processo do conhecimento. Como se dá o acesso às verdades eternas. O papel da razão com relação aos sentidos inferior e superior.

### 4.1 O HOMEM EXTERIOR E O HOMEM INTERIOR

Nessa seção pretende-se desenvolver os aspectos que envolvem o homem exterior e o homem interior na concepção de Agostinho. A função que a alma tem no processo do conhecimento. Como se dá o acesso às verdades eternas. O papel da razão com relação aos sentidos inferior e superior.

Na sua obra *Confissões*, (2006), Agostinho faz referência a dois homens: um exterior e outro interior. No homem exterior, os sentidos seriam a principal fonte de conhecimento, porém limitado a somente aquilo que é mundano. No homem interior, a fonte de conhecimento é o olhar de sua alma, a mente que tem acesso às verdades, tanto imateriais e imutáveis – verdades de Deus – como as verdades do próprio mundo sensível.

Nesse sentido, Marcondes (2007), assinala que em Agostinho existe uma oposição interior-exterior, que teve como base em concepções neoplatônicas e estoicas e que deu origem a noção de interioridade, renunciando o conceito de subjetividade do pensamento moderno.

Santo Agostinho pode ser considerado assim o primeiro pensador em nossa tradição a desenvolver, com base em concepções neoplatônicas e estoicas, uma noção de **interioridade** que denuncia o conceito de **subjetividade** do pensamento moderno. Encontramos já formuladas em seu pensamento a oposição interior-exterior e a concepção de que a interioridade é o lugar da verdade. É olhando para sua interioridade que o homem descobre a verdade (MARCONDES, 2007, p. 114) (grifo do autor).

Para Agostinho, quando passamos do mundo exterior ao interior, internalizamos lembranças e percepções dos dois mundos e com isso somos capazes de compreensão e entendimento de ambos. “Tenho à minha disposição um corpo e

uma alma, o primeiro é exterior e ou outro interior. Mas a parte interior – a alma – é superior ao corpo” (AGOSTINHO, 2006, p. 274). O mundo exterior abriga os objetos corpóreos que são atingidos pela sensação. O mundo interior abriga a alma e sua atividade.

Os objetos, em si mesmos, não produzem conhecimento ou qualquer tipo de sensação. Tudo que sentimos, ouvimos ou tocamos nada mais é que a internalização do exterior no interior da alma. Desse modo não são os objetos que produzem conhecimento no homem, mas o homem que tem dentro de si uma percepção sensória sobre os objetos.

Assim sendo, Gilson (2006), salienta que todo conhecimento se dar a partir de dentro, porque segundo ele, nunca é possível ensinar-nos uma ideia sem nos fazer descobri-la em nós mesmos.

Quer se trate de conhecer um dos objetos da inteligência, ou um dos objetos dos sentidos, todo conhecimento ocorre dentro e a partir de dentro, sem que nunca algo seja introduzido a partir do exterior. A doutrina de Agostinho parece, portanto, tender a tirar de cada ordem de conhecimento uma mesma lei, que se poderia nomear de lei da interioridade do pensamento (GILSON, 2006, p. 146-147).

Ao dizer que as sensações são próprias da alma, Agostinho está assinalando os objetos sensórios gerado sobre eles, ou seja, a sensação. Os objetos corpóreos estão no estado do existir ou exterior e as sensações, ao contrário, no estado do viver, no interior gerado pela alma. Dos sentidos corpóreos, por exemplo, o sentido da visão pode-se dizer que qualquer objeto perceptível aos olhos pode existir mesmo antes de ser visto, porém em termos de visão, esta é gerada em razão da alma que se apodera daquele objeto (FERNANDES, 2007).

Ora, se Agostinho afirma que o homem é a ligação de um corpo e de uma alma, não nega as informações provenientes dos sentidos, porém insiste em dizer que como fonte de conhecimento tudo que há e se refere ao homem exterior ou ao seu corpo será sempre inferior ao homem interior ou à sua alma.

A alma, tem, portanto, função ativa com relação ao processo de conhecimento. A alma age sobre tudo que se passa ao redor, fazendo do corpo um instrumento de percepção do mundo sensível. Ambos são ao mesmo tempo necessários: a alma com a finalidade de entender os objetos e o corpo – sentidos corpóreos – para que estes objetos possam se revelar. Assim o homem não é somente

a sua alma, nem o corpo somente um instrumento. Mas a despeito de toda possível junção – que não supera um dualismo – a alma será sempre a parte superior e o corpo a parte inferior do homem.

Enquanto a alma se deixar ser afetada pelos sentidos externos não alcançará o nível da razão, porque estará completamente influenciada pelo mundo exterior, pois os dados apreendidos pelos sentidos corporais são guardados na memória, mas as imagens apreendidas e agrupadas se referem apenas ao mundo exterior.

Somente o homem interior pode fazer a transcendência das experiências externas e atingir as razões eternas do mundo corpóreo, pois pode fixar a atenção além das lembranças, coletando e comparando as informações apreendidas pelos sentidos. Ele pode, portanto, recordar, significar, conceber e reelaborar todas as informações provenientes do mundo exterior numa ordenação racional mais ampla e superior.

Na mente encontram-se presentes tanto a razão como a inteligência. A razão é o movimento pelo qual a mente, o pensamento assinala ou unifica diversos conhecimentos adquiridos. Está subordinada à inteligência e/ou intelecto, termos que têm certa equivalência, cuja ascendência resulta do fato de haver uma ligação imediata com a verdade divina, porque é iluminado inteiramente pela luz divina (GRACIOSO, 2010).

Contudo para se fazer um julgamento melhor sobre as realidades corporais é necessário que a razão atue em um nível mais elevado ainda. Ambas são formadas por uma só substância e pertencem à alma. A diferença é que a primeira, a razão inferior, tem a capacidade de agir e estar mais próxima e inteiramente ligada ao mundo corpóreo e ao homem exterior. A segunda, a razão superior, tem a capacidade de reger a primeira, elucidando e apreendendo as verdades eternas.

A razão inferior atua diretamente ligada à ação, aos afazeres, empenho e combate. A razão superior, à verdadeira contemplação, que significa recompensa e descanso pela visão parcial da realidade sensível. Há, portanto, uma dependência irrestrita da primeira à segunda, pois é esta que permite a contemplação das verdades eternas.

Vale salientar que o sentido interior não implica essencialmente ainda a razão, pois os sentidos tanto internos como externos são individualizados. A razão, ao contrário, pode apreender as verdades racionais e transcendentais, isto é, aquelas que não dizem respeito a nenhuma alma em particular e em todos se fazem presentes.

Por isso mesmo, a procura pelas verdades eternas iniciará pela investigação laboriosa de uma vida interior e pela busca de si. Naturalmente Agostinho está sempre atraindo o leitor para dentro de si mesmo, porque preferir a via interior é preferir a via do conhecimento em um patamar sempre superior e mais profundo. É preferir a via do conhecimento de tudo o que lhe transcende e preferir a via do autoconhecimento a fim de que o conhecimento de si possa ser mediador para o conhecimento de Deus (FERNANDES, 2007).

Como vimos na subseção acima, o homem exterior e o homem interior na concepção de Agostinho passam pelos sentidos corporais e pela alma. Os sentidos corporais por meio dos objetos não produzem conhecimento. O conhecimento se dá quando o homem tem uma percepção sensória dentro de si sobre os objetos. Na concepção de Agostinho o corpo tem uma ligação com a alma, entretanto o conhecimento através do corpo é sempre inferior à sua alma. Por isso, ele prefere a via interior que é superior e mais profunda, a fim de que o conhecimento de si possa ser mediador para o conhecimento de Deus. O percurso que Agostinho fez na busca de si no seu interior, como se deu a investigação da Trindade e o conhecimento de si para se chegar até Deus será demonstrado a seguir.

#### 4 2 AGOSTINHO COMO PENSADOR DA INTERIORIDADE

Nessa subseção pretende-se abordar a questão da interioridade, tema central desse trabalho. Para Agostinho é no interior que Deus habita e onde se dá o encontro com Ele. Nesse sentido, ele fala de dois mundos, um exterior, dependente da ação do tempo e outro interior, é o mundo da reflexão.

Com base no que diz Marcondes (2007), onde consta o seguinte: “Santo Agostinho pode ser considerado assim o primeiro pensador em nossa tradição a desenvolver, com base em concepções neoplatônicas e estoicas, uma noção de interioridade” (MARCONDES, 2007, p. 114). Assim, pode-se afirmar que Agostinho é o filósofo da interioridade. Em suas Confissões, (2006), Agostinho afirma que Deus habita no interior do homem, assim procurar Deus será percorrer o caminho que leva a si mesmo. Logo, cabe a seguinte pergunta: o interior pode ser concebido como um lugar do encontro com Deus, ou um espaço que se pode descrever como um espaço geográfico?

Para Agostinho, a linguagem, apesar de ser o meio mais natural de transmissão de ideias, constitui um problema da existência mesma, porque ela necessita alcançar a essência da própria experiência e, ao mesmo tempo, partilhar de um sentido comum entre os homens para haver comunicação. Diante de uma experiência tão íntima e pessoal tal qual é a experiência de estar diante do seu próprio interior, não será de se admirar que Agostinho se esbarre com estes dois polos de dificuldade: a dificuldade de explicar uma experiência que para ele representa um mistério, e a dificuldade de achar palavras que possam explicar ou determinar aquilo que é a sua experiência mais íntima e profunda. Diante desse impasse, Agostinho utilizou, muitas vezes, o uso de metáforas que determinaram ou balizaram sua experiência de interioridade (FERNANDES, 2007).

Ainda que seja imprescindível lançar mão do uso de tantas metáforas, não se pode afirmar que o interior possa ser demarcado espacialmente como se fosse um lugar. “É grande realmente o poder da memória, bem grande, ó meu Deus. É um santuário imenso, ilimitado. Quem poderá atingir-lhe a profundidade?” (AGOSTINHO, 2006, p. 278).

A experiência de interioridade e, por conseguinte, a experiência de Deus superam qualquer forma de figuração espacial e a interioridade se mostra incomparável a qualquer realidade descritível.

Agostinho fala de dois mundos totalmente distintos entre si. Ele fala de um mundo exterior, dependente da ação do tempo, onde se encontra toda a matéria e toda a criação. E fala também de um mundo interior, mundo dos homens e das experiências realmente importantes.

O mundo interior é o mundo da reflexão, do sossego e da oração. Nele as experiências existenciais se estendem por meio das dimensões de meditação e elevação. É no espaço de dentro que a matéria adquire qualidade, profundidade, permanência, sentido.

O conhecimento humano localiza-se entre estes dois mundos: entre a pragmaticidade da vida humana e a espiritualidade e os mistérios da consciência. Entre um e outro o homem precisa ter a vivência de ambos, passar da dispersão à atenção, da fala ao silêncio, da exterioridade à interioridade. No entanto, a preferência de Agostinho é por uma opção individual. Durante e depois de sua conversão, diante de uma violenta luta travada consigo mesmo, a opção de Agostinho foi sempre pela vida interior (FERNANDES, 2007).

Contra os encantos da carne e o prazer intelectual da retórica, Agostinho se esbarra com a experiência intensa de si mesmo e encontra uma interioridade dilacerada. O interior é o lugar da escuta, do encontro com Deus, de retorno à natureza primitiva, da purificação e da salvação, mas é também o lugar do silêncio, do distanciamento, do erro e da perdição. Assim, pela experiência da interiorização, Agostinho se dá conta de que a natureza do homem não se acha em si, não se termina em si, mas se liga a uma história que implica o outro [Deus] e se determina nesta relação.

Pela imersão no seu próprio “eu”, Agostinho terá a experiência e a firmeza de poder declinar até às profundidades do abismo interior e lá encontrar Deus. Se Deus se comunica e se faz presente no interior, o mundo interior é imensamente melhor e com maior perfeição. É nele que o espírito se move e encontra a duração em oposição à finitude e limitação do tempo. Os dois mundos são reais, mas o mundo interior é mais real, porque está mais junto de Deus e além disso porque apenas nele a experiência de si é revelada.

Nesse sentido, Agostinho trata o problema do homem não como o homem em abstrato, mas como o problema do eu mais concreto, o homem como pessoa, como indivíduo. Para Agostinho “o problema do seu eu e o de sua pessoa tornam-se significativos”: ‘eu próprio me havia tornado um grande problema para mim’; e ‘eu não compreendo tudo que sou’ (AGOSTINHO, apud REALE, 2007, p. 437). Portanto, Agostinho é o observante e ao mesmo tempo o observado.

Como visto na subseção acima, o movimento de interiorização realizado por Agostinho o conduziu ao lugar do encontro com Deus, que ele tratou como o “lugar” do encontro com o Divino. Esse movimento de interiorização que Agostinho desenvolveu partindo do homem exterior para o homem interior em direção a alma ele fez procurando encontrar Deus, foi um caminho que o levou a si mesmo, sobre esse percurso da alma a si em direção a imagem de Deus será explicitado a seguir.

#### 4 3 PERCURSO DA ALMA A SI: IMAGEM DE DEUS

Nessa subseção pretende-se desenvolver o percurso que Agostinho fez na busca de si no seu interior. Como se deu a investigação da Trindade através da

estrutura triádica da alma humana. A relação do espelho com a alma para que a imagem de Deus possa ser refletida no homem.

A busca de si exige controle espiritual e o desaparecimento de toda imagem, de todo conceito. Agostinho busca a si neste lugar que não é lugar, no interior, e nega que esta busca possa ser feita por meio de um espelho, porque o espelho só poder refletir o que é exterior. A alma, por ser incorpórea, não pode ser vista por meio de um espelho. O que torna a alma visível é o modo de reflexão sobre ela mesma.

Para Gilson (2006), essa reflexão da alma para conhecer-se a si mesma é um movimento introspectivo desejoso de conhecer a verdade última.

Assim, o que nossa alma persegue realmente quando busca conhecer-se a si mesma é uma verdade-fim, em relação a qualquer outra verdade, mesmo a ciência da alma, seria somente um meio. O desejo de conhecer implica, para além da presença da alma a si mesma, a presença da verdade última, cuja posse seria a beatitude (GILSON, 2006, p. 205-206).

O espelho também tem o sentido de enigma. Agostinho emprega a expressão quando menciona o problema de se compreender o mistério da Trindade, embora entre o homem e Deus não há um face a face. Agostinho investiga a Trindade através de um movimento de reflexão na qual desvenda a própria estrutura triádica da alma humana, maneira pela qual Deus se manifesta e se dá a conhecer.

O homem só é capaz de conhecer a Trindade através da imagem que é o próprio homem. A verdadeira visão – no face a face – está reservada para o futuro. Nesse sentido, ao invés de a alma atingir sua própria existência por meio de um espelho, ela própria se torna espelho e reflete a imagem de Deus. A alma do homem é, portanto, como um reflexo e a imagem de toda Trindade (FERNANDES, 2007).

A alma como reflexo do homem bem como de toda Trindade faz parte da doutrina de Agostinho para identificar o espelho com a alma humana. Para Agostinho Deus é a luz que ilumina a alma e esta o espelho que reflete a imagem de Deus e por meio do qual o espírito pode observar, por uma reflexão completa sobre si, indiretamente, mas distintamente, a imagem de Deus.

Essa imagem de Deus refletida pela a alma também foi estudada por outros Padres da Igreja, como Justino, Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio, Clemente de Roma, Tertuliano, entre outros. Entretanto, Agostinho reelabora e aprofunda todas as interpretações anteriores, compondo aquilo que tradicionalmente

é designado de resumo do pensamento cristão. Com argumentos essencialmente mais consistentes, Agostinho recebe os elementos já prontos e os recupera com destreza e a solidez de quem não quer apenas crer, mas conhecer intensamente.

Na elaboração do conceito de imagem em Agostinho, pode-se observar dois períodos diferentes: o primeiro, entre 378 e 400, quando ele compôs os seus primeiros escritos, entre eles, as Confissões, (2006), domina a concepção, predominantemente paulina, de que a imagem ocupa na razão, no espírito ou no homem interior, mas que não passa de uma marca da figura de Deus, porque a alma foi afetado na sua natureza pelo pecado. Podemos juntar a esta concepção, a partir de 388, duas peculiaridades helenísticas e neoplatônicas. A primeira delas é a semelhança à Deus pela imortalidade da alma e a segunda a ideia de que se pode achar a semelhança através da reflexão ou *Cogito* (FERNANDES, 2007).

A analogia pela imortalidade não será reiterada na obra *A Trindade*, (1995), nesta está contida o que consideramos a segunda fase, cuja maturidade e segurança apresentam fundamentos bem mais consistentes a respeito da doutrina da imagem.

A imagem será uma imagem trinitária que compõe o ser do homem. Neste segundo período domina a ideia de que a imagem se alcança fundamentalmente na mente ou na inteligência. Nesse sentido, quando pecamos não deterioramos nossa imagem, mas uma parte de nossa inteligência.

A defesa de uma natureza humana racional conduz, por conseguinte, a possibilidades diferentes, entre elas, à capacidade de conversão pela razão. O pecado, assim, não apagaria, mas apenas deformaria a imagem do homem. O fato de o homem ser o próprio espelho da imagem de Deus, independentemente de a alma ficar ou não deformada pelo pecado, demonstra que a antropologia agostiniana dá ao homem um status de tal modo que toda sua filosofia passa fundamentalmente pelo homem. O eixo único em volta do qual ela gira é Deus, porém para se atingir até Deus é preciso reconhecer o espaço onde Seu semblante está espelhado, isto é, no interior de todo homem que à Sua imagem foi criado.

Como vimos na subseção acima, Agostinho investigou o mistério da Trindade através de um movimento de reflexão e com isso desvendou a estrutura triádica da alma humana, maneira pela qual Deus se manifesta e se dá a conhecer. O homem conhece a Trindade por meio de sua alma quando ela se torna espelho e reflete a imagem de Deus. Esse conhecimento de si e também de Deus será demonstrado a seguir.



#### 4.4 ORIGEM DO CONHECIMENTO: DE SI A SI E DE SI A DEUS

Nessa subseção pretende-se abordar como se dá o conhecimento de si e o conhecimento de Deus. Conhecimento que gera amor. Para Agostinho, não se ama o que é desconhecido. Conhecimento gerado no interior é muito desejado porque é Deus que se revela, clarifica e toca a alma humana.

Para Agostinho, o conhecimento de si aponta para dois polos de relações mútuas – o eu interior e Deus -, mostrando que o conhecimento de si está profundamente ligado ao conhecimento de Deus. É preciso se conhecer para encontrar Deus e é preciso conhecer Deus se desejamos encontrar nosso eu mais profundo, porquanto é o próprio Deus que nos faz conhecer a nós próprios e se dá a conhecer, falando e iluminando nosso coração.

As diversas invocações, por meio de suas preces, de Agostinho a Deus ao longo de suas obras ajudou a dobrar-se sobre si mesmo, afastando sua atenção dos objetos sensíveis, num mergulho, ao mesmo tempo, em si e em Deus. No entanto esse mergulho em si é, nas Confissões, (2006), um mergulho sem limites, isto é, um mergulho daquele que se elevou das profundezas do abismo para uma entrega e uma fenda de seus mistérios mais íntimos. Em A Trindade, (1995), Agostinho tem muito vivo que o conhecimento de si e de Deus se fará por intermédio de um empenho intelectual, pois é pela faculdade da mente que o conhecimento se dá. Assim, ele faz a seguinte invocação: “ó meu Deus, luz do meu coração, pão da boca interior do meu espírito, poder fecundante da minha inteligência e do meu pensamento” (AGOSTINHO, 2006, p. 35).

Agostinho, em todo relato das Confissões, (2006), transporta uma certeza abrasadora da presença de Deus no seu interior. “Vós éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser” (AGOSTINHO, 2006, p. 72). Mas afirma também que se quisermos alcançar a Deus é necessário conhecer nossos desejos e carências mais profundas, conhecer o que somos e, fundamentalmente, preparar nosso interior para recebê-Lo (FERNANDES, 2007).

O conhecimento de si e o conhecimento de Deus, nesse sentido, se misturam na medida em que conhecer a si é, fundamentalmente, conhecer o objeto do seu amor. É importante notar que para Agostinho amor e conhecimento estão

continuamente associados entre si, um implica o outro. E Agostinho afirma que o que ele conhece de si é que ama a Deus.

Ora, este anseio pode ser narrado como uma experiência intensa da revelação de fé, mas não é isso que manifesta visto que Agostinho associa sempre o amor ao conhecimento. Não se ama o que é desconhecido. É, nessa situação, que Agostinho quer ter claro o que ele ama quando ama a Deus.

Mas, que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos ungüentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, quando amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus (AGOSTINHO, 2006, p. 274).

Deus é amado como luz, voz, odor – sensações do homem interior. Vivência genuinamente individual e intransponível. Se o amor implica posse, o homem ama a Deus como quem possui a eternidade e a permanência. Diversamente das sensações externas, constantemente arrebatadas pelo tempo, as sensações internas arrastam à verdadeira fruição da eternidade de Deus.

Em *A Trindade*, (1995), a origem do conhecimento é o mesmo: de si a si e de si a Deus. Contudo não deparamos nessa obra um eu atribulado e dilacerado em procura da salvação por tanto tempo recusada, mas um Agostinho maduro e consciente de seu lugar diante do criador e das outras criaturas. Assim, consciente, ele pede: “fortalece aquele que te busca, tu que permitiste seres encontrado, e cumulaste de esperança de sempre mais te encontrar” (AGOSTINHO, 1995, p. 556). O caminho que se há de percorrer, desse modo, de si a Deus toma cunho e grandezas bem mais racionais do que emocionais.

Todo conhecimento gerado no nosso interior é muito desejado. O amor, pois, está duplamente unido à geração: como desejo, ele é anseio e causa do conhecimento; como afeição ele é apego ao fruto obtido. Do mesmo modo, o amor é

o movimento da alma, estímulo e impulso que encontra o que lhe falta e repouso, fruição e alívio na posse do que lhe foi adquirido. Mas como o conhecimento de Deus está além da capacidade natural da mente humana. Agostinho recomenda seu conhecimento através da *imago Dei*.

Voltemos, portanto, àquela imagem criada, ou seja, à investigação e consideração da alma racional acerca do assunto. Na alma, com efeito, o conhecimento de certas realidades que antes não eram conhecidas e o amor de outras que antes não eram amadas, produzem-se no tempo e facilitam-nos a descobrir mais distintamente o que devemos dizer – a linguagem, que também ela se desenvolve no tempo -, explica melhor as realidades que se encerram na ordem do tempo (AGOSTINHO, 1995, p. 306).

Esse conhecimento de Deus, por meio de sua imagem, que Agostinho propõe, o homem só pode reconhecer na sua própria imagem uma ideia cuja forma precisa se aproximar daquilo que Deus é na sua apreensão mais imediata, mas para isso é necessário, em primeiro lugar, descartar qualquer espécie de imagem corpórea.

Para descobrir a Deus é necessário descobrir a sua imagem no próprio interior. A imagem é o reflexo de Deus e o alvo de aplicação de sua presença, onde Deus atinge e ilumina a alma. Deus clarifica a alma porque Ele é Luz.

Assim sendo, Deus não mais será uma figura exterior e longínqua, mas um Ser espiritual presente e pessoal que se revela no próprio íntimo dos homens. Deus se revela através de sua luz inteligível a qual clarifica e toca a alma humana.

Mas porque a visão da luz divina somente se dá de maneira indireta, por meio do espelho que é a própria alma humana, a imagem mostra-se de maneira muitas vezes obscura e enigmática. É necessário restabelecer a imagem de Deus no homem pela remissão e purificação do espírito (FERNANDES, 2007).

O preceito socrático - Conhece-te a ti mesmo, terá um importante papel nesse sentido, dado que ele ativa o intelecto humano para uma capacidade latente que precisa ser acordada. A alma apreende sua existência no ato mesmo de pensar, não requerendo para isso nenhum espelho. A partir daí ela se torna o próprio espelho que reflete Deus – *imago Dei*. A alma manifesta, nesse movimento de reflexão, através de sua estrutura triádica, a sombra e a transcendência de Deus.

Como vimos na subseção acima, na concepção de Agostinho o conhecimento de si está profundamente ligado ao conhecimento de Deus, mas para ele o

conhecimento de si e de Deus se fará por meio de um empenho intelectual, isto é, pela faculdade da mente que o conhecimento se dá. Esse conhecimento está associado ao amor porque não se ama o que é desconhecido. Nesse sentido, Agostinho deixa claro o que ele ama quando ama a Deus.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se, agora, ao final deste trabalho, apresentar o resultado da pesquisa sobre o pensamento de Agostinho no que se refere a noção de interioridade, tema central dessa pesquisa. Agostinho descobriu que é na interioridade o lugar do encontro com a Verdade e, por isso mesmo, encontro com Deus.

Agostinho ao buscar a Verdade ele procurava por um bem permanente e verdadeiro que está em Deus. Mas, por um longo período de sua vida ele procurou esse bem no mundo exterior. Com o passar do tempo ele compreendeu que para encontrar a Verdade precisava voltar-se para dentro de si mesmo e no seu interior encontrar o bem permanente que é a Verdade que está em Deus.

Então, ele buscou para a sua vida um eixo fundamental, articulando o seu pensamento, organizando as suas ideias, definindo os seus princípios e o sentido de sua vida, frente aos conflitos de sua alma. Ele sabia que precisava mudar radicalmente a sua vida para chegar a sua conversão. Também sabia que precisava da ajuda divina para alcançar esse objetivo. Então resolveu fazer a sua experiência de fé. Recolhido consigo mesmo, afastado de tudo para ficar com Deus. Ao escutar uma criança dizer: toma e lê, toma e lê dirigiu-se à sagrada Escritura e leu o apóstolo Paulo, sentiu-se tocado pela palavra de Deus e nesse momento deu-se a sua conversão.

Após a sua conversão, ele começou a desenvolver a teoria do conhecimento basicamente ligada à maneira como o homem conhece a Deus e associada à verdade surgida da tradição filosófica, com a necessidade de conquistar essa verdade através do desenvolvimento espiritual e moral. Agostinho descobre a Verdade nele mesmo, por meio do olho de espírito, entendido como olho da inteligência, no seu interior, mas acima de sua mente e que transcende o espírito. Esse acontecimento transcendente que Agostinho descobriu é uma luz imutável diferente daquela que os olhos corporais percebem sensivelmente. Assim, diante dessa luz, ele se depara com uma realidade triádica essencial: a Verdade, a Eternidade e o Amor que estimulam a alma em direção ao bem que concebe a Verdade eterna.

De onde vem esse conhecimento intuitivo da Verdade? Os intérpretes do pensamento agostiniano dizem que tem sempre duas faces: por um lado a natureza divina da luz e, por outro, a precisa posição que o intelecto humano ocupa dentro da doutrina. Assim, existe uma ligação muito próxima entre o homem e Deus no plano da

inteligência. Agostinho adentrou em sua alma e lá descobriu a Verdade numa magnitude entre o humano e o divino.

Prosseguindo na busca desse conhecimento, Agostinho adotou o mesmo princípio do ser e saber constituídos em uma inteligibilidade apresentada pela imagem do sol, fazendo menção à caverna de Platão, a diferença é que em Agostinho a alma busca a luz por meio de um giro, para o interior. Ao comparar Deus à luz inteligível, Agostinho mostra a diferença entre o que é reluzente por si e, visível por natureza, e o que unicamente pode ser visível por uma luz cedida. Essa comparação que ele fez serviu para determinar o papel da atividade divina em relação ao intelecto humano. Para Agostinho a iluminação divina que possibilita o alcance da Verdade não substitui o nosso intelecto, pois é o próprio homem que requisita a iluminação para tornar seu intelecto com capacidade de ver a verdade em benefício de uma ordem natural expressamente constituída por Deus.

Para Agostinho, o encontro com a verdade se dá na alma e governa a própria alma. É o encontro com o verdadeiro Mestre, chamado Mestre interior. Platão percebeu que a alma descobre nela mesmo a verdade inteligível, mas não na memória de outra vida. A alma racional acolhe a Verdade racional graças ao Mestre interior, bastando para isso que demos atenção às verdades que se põe em evidência. Assim, não basta volver o foco da atenção para o comando da razão sobre a realidade inteligível. É preciso estar vigilante ao que o próprio Deus fala e mostra. Essa Verdade que procede do Mestre interior para atingi-la é necessário que a alma se volte para si mesma para poder sair de si. A alma passa por ela mesma para poder se ultrapassar. É nesse interior e nessa força procedente de Deus que podemos ir ao encontro do Mestre interior.

Quando Agostinho trata da interioridade ele faz referência a dois homens: um exterior e outro interior. No homem exterior, os sentidos seriam a principal fonte de conhecimento, limitado ao que é mundano. No homem interior, a fonte de conhecimento é o olhar de sua alma, a mente tem acesso às verdades, tanto imateriais e imutáveis – verdades de Deus – como as verdades do próprio mundo sensível.

Nesse sentido, Agostinho afirma que os objetos, em si mesmos, não produzem conhecimento. Para ele, o homem é que tem dentro de si uma percepção sensória sobre os objetos. Porém, ele não nega as informações provenientes dos sentidos, mas como fonte de conhecimento tudo que há e se refere ao homem exterior ou ao seu corpo será sempre inferior ao homem interior ou à sua alma. Esta, tem,

portanto, função ativa com relação ao processo de conhecimento. Por isso mesmo, a procura pelas verdades eternas iniciará pela investigação criteriosa de uma vida interior e pela busca de si. Exatamente por isso, Agostinho prefere a via do conhecimento mais profundo e superior a fim de que o conhecimento de si possa ser mediador para o conhecimento de Deus.

Então, ele busca em si um lugar que não é lugar, no interior, e nega que essa busca possa ser feita por meio de um espelho, porque o espelho só pode refletir o que é exterior. Então, ele investiga a Trindade através de um movimento de reflexão na qual desvenda a própria estrutura triádica da alma humana, maneira pela qual Deus se manifesta e se dá a conhecer. Nesse sentido, a alma como reflexo do homem bem como a Trindade faz parte da doutrina de Agostinho para identificar o espelho com a alma humana. Para ele, Deus é a luz que ilumina a alma e esta o espelho que reflete a imagem de Deus. Mas essa imagem só será percebida no espaço onde Seu semblante está espelhado, isto é, no interior de todo homem que à Sua imagem foi criado.

Por fim, Agostinho no seu itinerário existencial e filosófico buscou a Verdade que está em Deus. Essa busca no princípio era fora de Deus, mas com o passar do tempo ele descobriu que precisava mudar radicalmente a sua vida. Então, resolveu fazer a sua experiência de fé. Ao lê o apóstolo Paulo na sagrada Escrituras foi convertido. Com a sua conversão buscou o conhecimento em si mesmo, no seu interior, até alcançar a Verdade que se encontra em Deus. Nessa busca em si mesmo, no interior, a alma tem um papel importante para se chegar ao encontro com o Mestre interior. A alma passa por ela mesma para poder se ultrapassar. O Mestre interior é próprio Deus que ilumina a alma e esta é o espelho que reflete a imagem de Deus. Portanto, Agostinho descobriu que é na interioridade o lugar do encontro com a Verdade e, por isso mesmo, encontro com Deus.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2006.
- AGOSTINHO. **A Trindade**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO. **Confissões: De magistro**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- AGOSTINHO. **Solilóquios e a vida feliz**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- FERNANDES, Maria I. Azevedo. **Interioridade e Conhecimento em Agostinho de Hipona**. 2007. 104 f. Tese (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- GRACIOSO, Joel. **Interioridade e filosofia do espírito nas Confissões de Santo Agostinho**. 2010. 131 f. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário / **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007.